

GREER HENDRICKS e SARAH PEKKANEN

A
ELA NÃO
MULHER
É QUEM
ENTRE
VOCÊ PENSA
NÓS

TRADUÇÃO
ALEXANDRE BOIDE

PA - FR - DE - ES

Copyright © 2018 by Greer Hendricks e Sarah Pekkanen
Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, LLC.
Todos os diretos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Wife Between Us

CAPA Olga Grlic

FOTOS DE CAPA Oleg Gekman/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Thaís Totino Richter e Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hendricks, Greer

A mulher entre nós / Geer Hendricks, Sarah Pekkanen ;
tradução Alexandre Boide. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela,
2018.

Título original: The Wife Between Us.

ISBN 978-85-8439-106-6

1. Ficção norte-americana I. Pekkanen, Sarah. II. Título.

18-12190

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela

*Para John, Paige e Alex,
com amor e gratidão,
Greer*

*Para todos aqueles que me
incentivaram a escrever este livro,
Sarah*

PARTE UM

Prólogo

Ela caminha com passos apressados pela calçada, os cabelos loiros balançando sobre os ombros, o rosto vermelho e uma mala de ginástica pendurada no antebraço. Quando chega ao prédio onde mora, enfia a mão na bolsa e pega as chaves. A rua está movimentada, barulhenta, com táxis amarelos indo e vindo, trabalhadores voltando para casa e clientes saindo das lojas e se dirigindo à lanchonete da esquina. Meus olhos não se desviam dela.

Ela se detém na entrada do prédio e olha rapidamente por cima do ombro. Meu corpo parece ser percorrido por uma descarga elétrica. Fico me perguntando se ela sente que está sendo vigiada. Um sistema inteiro do cérebro humano é dedicado a essa herança genética, a capacidade de sentir que estamos sendo observados. Nossos ancestrais se valiam disso para escapar dos predadores. Cultivei essa forma de defesa, essa sensação de estática surgindo na superfície da pele, a cabeça se erguendo por instinto à procura de um par de olhos. Aprendi que ignorar esse alerta pode ser perigoso.

Mas ela simplesmente vira na direção oposta, abre a porta e entra no prédio, sem olhar na minha direção.

Nem imagina o que fiz para ela.

Não tem noção do estrago que causei; da ruína que pus em curso.

Para essa linda jovem com rosto em formato de coração e corpo sensual — a mulher por quem meu marido Richard me trocou —, sou invisível como o pombo ciscando na calçada ao meu lado.

Ela não faz ideia do que vai acontecer se continuar agindo assim. Não faz a menor ideia.

Nellie não sabia dizer ao certo o que a tinha acordado. Quando abriu os olhos, havia uma mulher usando seu vestido de noiva de renda branca ao lado de sua cama, observando-a.

Ela sentiu a garganta fechar, impedindo que gritasse, então estendeu o braço para pegar o taco de beisebol encostado no criado-mudo. Aos poucos sua visão se ajustou à luminosidade reduzida do amanhecer, e os batimentos de seu coração desaceleraram.

Ela soltou uma risadinha tensa ao perceber que estava tudo bem. Era apenas seu vestido de casamento protegido por um plástico e pendurado no cabide. Ela o colocara ali no dia anterior, depois de apanhá-lo na loja. Havia papel amassado sob o espartilho e a saia rodada para manter a forma. Nellie desabou no travesseiro. Quando sua respiração se estabilizou, ela se voltou para os números luminosos do relógio digital no criado-mudo. Era cedo demais.

Eticou o braço e desligou o alarme antes que começasse a tocar. A aliança de noivado que Richard lhe dera, com um diamante, ainda parecia estranha e pesada em seu dedo.

Desde a infância, Nellie tinha dificuldade para dormir. Sua mãe não tinha paciência para os rituais da hora de ir para a cama, mas o pai massageava suas costas com movimentos suaves, desenhando mensagens como “Eu te amo” ou “Você é muito especial”. Ela tentava adivinhar o que diziam. Em outras ocasiões, ele desenhava figuras: círculos, estrelas e triângulos. Isso antes de seus nove anos, quando ele foi embora de casa depois do divórcio. Então ela passou a se deitar sozinha, sob o edredom rosa com listras roxas, olhando para a mancha de umidade provocada por uma infiltração no teto.

Quando enfim pegava no sono, conseguia dormir umas boas sete ou oito horas — profundamente e sem a interrupção de sonhos, de modo que sua mãe precisava sacudi-la com força para acordá-la.

Mas, depois de certa noite de outubro, no último ano de faculdade, aquilo de repente mudou.

Sua insônia piorou sensivelmente, e seu sono se tornou permeado por sonhos vívidos e despertares abruptos. Uma vez, quando desceu para o café da manhã na república onde morava, uma companheira da irmandade Chi Ômega lhe contou que tinha gritado coisas ininteligíveis durante a noite. Nellie tentou minimizar: “Estou estressada com as provas finais. Dizem que a de estatística aplicada vai ser dificílima”. Então se levantou da mesa para pegar outro café.

Depois disso, ela marcou uma consulta com a psicóloga do campus. Apesar da abordagem delicada da especialista, Nellie não conseguiu conversar sobre a noite quente de início de outono que começou com garrafas de vodca e risos e terminou com sirenes de polícia e desespero. Ela foi à terapeuta mais uma vez, então cancelou a terceira consulta e nunca mais voltou.

Nellie contara a Richard alguns detalhes de um de seus pesadelos recorrentes e sentira os braços dele e uma voz grave murmurando em seu ouvido: “Estou aqui, amor. Você está segura comigo”. Agarrada a ele, sentia a segurança pela qual ansiara a vida toda, mesmo antes do incidente que havia mudado tudo. Com Richard ao seu lado, ela conseguia ceder ao sono profundo e vulnerável. Era como se o chão instável tivesse se solidificado sob seus pés.

Na noite anterior, porém, Nellie estava sozinha em seu apartamento no andar térreo de um velho predinho de tijolos. Richard estava em Chicago a trabalho, e Samantha, a melhor amiga de Nellie e com quem dividia a casa, tinha ido dormir fora com algum cara. Os ruídos de Nova York entravam pelas paredes: buzinas, gritos, latidos... Embora os índices de criminalidade do Upper East Side estivessem entre os mais baixos de Manhattan, havia grades de metal nas janelas e três trancas na porta, inclusive uma enorme que Nellie tinha mandado instalar logo que se mudara. Mesmo assim, ela precisara de uma tacinha extra de chardonnay para pegar no sono.

Nellie esfregou os olhos vermelhos e se levantou da cama com gestos lentos. Vestiu o roupão, olhou para o vestido de novo e se perguntou se não era melhor tentar abrir um espaço para ele no closet apertado. Mas a saia era volumosa demais. Na loja, cheia de peças extravagantes com bordados, pareceu simples e elegante, como um vestidinho de chita perto de outro bufante. Mas, entre suas roupas e a frágil prateleira com seus livros no espaço exíguo do quarto, parecia muito próximo do que uma princesa da Disney escolheria.

Mas era tarde demais para mudar. O casamento estava chegando e todos os detalhes estavam acertados, até o enfeite do bolo: a noiva loira e o noivo bonitão, capturados no momento perfeito.

“Olha só vocês dois”, dissera Samantha ao ver a foto dos bonequinhos de porcelana que Richard mandara a Nellie por e-mail. A peça havia sido dos pais dele, e Richard tinha ido procurá-la no depósito que mantinha no porão de seu prédio depois de pedi-la em casamento. Sam franziu o nariz. “Já parou para pensar que parece bom demais para ser verdade?”

Richard tinha trinta e seis anos, nove a mais que Nellie, e era um bem-sucedido administrador de fundos de investimentos. Tinha o corpo magro e esguio como o de um corredor, e seu sorriso fácil amenizava a intensidade dos olhos azul-escuros.

No primeiro encontro, ele a levara a um restaurante francês e conversara com a maior familiaridade com o sommelier sobre vinhos brancos da Borgonha. No segundo, em um sábado de neve, recomendara que Nellie usasse roupas quentes e aparecera com dois trenós verdes de plástico. “Conheço a melhor rampa do Central Park”, ele dissera.

Usava uma jaqueta jeans desbotada que caía tão bem quanto seus ternos feitos sob medida.

Nellie não estava brincando quando respondera a Sam: “Penso nisso todos os dias”.

Ela suprimiu outro bocejo enquanto descia os sete degraus até a minúscula cozinha, sentindo o linóleo frio sob os pés descalços. Acendeu a luz e percebeu que, mais uma vez, Sam tinha feito a maior sujeira com o pote de mel ao adoçar o chá. O líquido viscoso escorria pela lateral do vidro, e uma barata esperneava no meio de uma grudenta poça cor de âmbar. Mesmo depois de anos vivendo em Manhattan, a visão daquele bicho

ainda a deixava enojada. Nellie prendeu a barata embaixo de uma caneca suja de Sam que estava na pia. *Elá que se vire com essa coisa*, pensou. Enquanto esperava o café ficar pronto, abriu o laptop para ler seus e-mails — um cupom da Gap; a mãe, que pelo jeito se tornara vegetariana, perguntando se haveria uma opção sem carne no cardápio do jantar no casamento; um aviso de que o pagamento da fatura do cartão de crédito estava atrasado.

Nellie serviu o café em uma caneca decorada com coraçãozinhos e as palavras **MELHOR PROFESSORA DO MUNDO** — ela e Samantha eram professoras de educação infantil na Learning Ladder e tinham dezenas daquelas canecas amontoadas no armário — e tomou um gole. Tinha dez reuniões agendadas com pais de seus alunos, crianças na faixa dos três anos. Sem cafeína, correria o risco de cochilar no “cantinho do silêncio”, e precisava se manter ligada. Os primeiros seriam os Porter, que pouco tempo antes tinham reclamado da ausência de atividades criativas em sala de aula. Eles recomendaram a substituição da casa de bonecas por uma cabana indígena e insistiram na ideia mandando um link de uma que custava duzentos e vinte e nove dólares.

Nellie concluiu que não sentiria muito mais falta dos Porter do que das baratas quando fosse morar com Richard. Olhou para a caneca de Samantha, foi invadida uma pontada de culpa e usou um lenço de papel para apanhar às pressas a barata, jogá-la na privada e dar a descarga.

O celular tocou quando Nellie estava abrindo o chuveiro. Ela se enrolou em uma toalha e correu até sua bolsa. Mas não estava lá; ela o perdia o tempo todo. No fim, acabou encontrando-o no meio do edredom.

“Alô?”

Não houve resposta.

O identificador de chamadas não mostrava o número. Um instante depois veio o aviso de mensagem de voz. Ela acionou o botão para ouvir, mas só conseguiu escutar o som leve e ritmado da respiração de alguém.

Telemarketing, ela disse a si mesma ao largar o celular na cama. Nada de mais. Era só uma reação exagerada, como às vezes acontecia, por causa do excesso de coisas a fazer. Afinal de contas, em algumas semanas, juntaria tudo o que tinha e levaria para a casa de Richard, começando uma vida nova com um buquê de rosas na mão. Mudanças sempre causavam apreensão, e ela tinha que encarar um monte de uma só vez.

Mesmo assim, era a terceira ligação daquele tipo nas últimas semanas. Nellie olhou para a porta da frente. Todas as travas estavam fechadas.

Foi para o banheiro, mas acabou voltando para o quarto e pegando o celular, que deixou na pia. Trancou a porta, pendurou a toalha no gancho e entrou no boxe. Deu um pulo para trás quando a água fria a atingiu, então ajustou a temperatura e esfregou os braços.

O vapor preencheu o pequeno espaço, e ela deixou a água aliviar os nós em seus ombros e suas costas. Ia mudar de sobrenome depois de casada. Talvez trocasse o número do celular também.

Ela tinha colocado um vestido de linho e estava passando rímel — só usava maquiagem e roupas bonitas no trabalho quando se reunia com pais ou na formatura — quando o celular vibrou, produzindo um ruído alto e retinido contra a porcelana da pia. Nellie fez uma careta, e o pincel subiu mais do que deveria, deixando uma mancha escura perto da sobrancelha.

Quando olhou, viu que era uma mensagem de texto de Richard.

Mal passo esperar para ver você, linda. Estou contando os minutos. Te amo.

As palavras do noivo aliviaram o aperto que sentia no peito. *Eu também*, ela respondeu.

Naquela noite, ia contar sobre as ligações. Richard serviria uma taça de vinho e colocaria seus pés sobre o colo enquanto conversavam. Talvez arrumasse um jeito de descobrir o número. Ela terminou de se arrumar, pegou a bolsa pesada e saiu para o sol fraco da manhã de primavera.

2

O apito da chaleira de tia Charlotte me desperta. Um sol fraco entra pelas frestas da persiana, criando listras desbotadas sobre meu corpo em posição fetal. Como é possível já ter amanhecido? Depois de meses dormindo em uma cama de solteira — e não na king size que dividia com Richard —, ainda me posiciono encolhida na esquerda. Os lençóis estão frios ao meu lado. Guardo lugar para um fantasma.

As manhãs são as piores, porque, por um breve instante, meus pensamentos ficam leves. É cruel demais. Eu me encolho sob a colcha, sentindo um peso tremendo me prendendo à cama.

Richard deve estar com minha linda e jovem substituta, os olhos azul-escuros fixos nela, os dedos passeando por seu rosto. Às vezes sou quase capaz de ouvi-lo dizer as coisas que sussurrava para mim.

Te amo. Vou te fazer muito feliz. Você é tudo pra mim.

Meu coração dispara, e cada batida firme dói. *Respire fundo*, lembro a mim mesma. Não adianta nada. Nunca funciona.

Quando vejo a mulher por quem Richard me deixou, sempre fico impressionada com sua aparência meiga e inocente. É parecidíssima comigo, ou pelo menos com como eu era na época em que conheci Richard — ele segurava meu rosto entre as mãos com toda a delicadeza, como se eu fosse uma flor que pudesse se desfazer ao toque.

Mesmo naqueles primeiros meses inebriantes, era como se tudo — como se *ele* — parecesse um tanto coreografado. Richard era atencioso, carismático e bem-sucedido. Eu me apaixonei quase de imediato. Nunca duvidei de que me amasse também.

Agora ele não tem mais nada a ver comigo. Mudei da casa em estilo colonial com quatro quartos, portas arqueadas e gramado verdejante.

Três deles permaneceram vazios durante o tempo em que ficamos casados, mas a faxineira os limpava toda semana. Eu sempre arrumava uma desculpa para sair assim que ela chegava.

A sirene de uma ambulância lá embaixo enfim me arranca da cama. Tomo um banho e, enquanto seco os cabelos, percebo que a raiz escura está aparecendo. Pego a tinta debaixo da pia para me lembrar de retocar à noite. Os dias em que eu pagava — não, em que Richard pagava — cem dólares por corte e tintura ficaram no passado.

Abro o armário de cerejeira antigo que tia Charlotte comprou no mercado de pulgas e restaurou sozinha. Houve um tempo em que eu tinha um closet maior do que o quarto em que durmo hoje. Araras com vestidos organizados por cor e estação. Pilhas de jeans de grife com lavagens diferentes. Um arco-íris de malhas.

Essas coisas nunca significaram muito para mim, que em geral usava legging e moletom. Ao contrário das mulheres que trabalhavam fora, eu só colocava minhas melhores roupas para receber Richard. Não me arrependo de ter pegado minhas roupas mais chiques quando Richard me pediu para deixar nossa casa em Westchester. Trabalho como vendedora na Saks, no setor de roupas de grife. Como dependo de comissões, é fundamental projetar uma imagem de sucesso. Olho para os vestidos pendurados no armário com uma precisão quase militar e escolho um Chanel de um azul esverdeado. Um dos botões está lascado e ele está meio largo. Não preciso de uma balança para saber que perdi peso. Tenho um metro e sessenta e cinco e meus vestidos tamanho trinta e oito estão largos.

Entro na cozinha, onde tia Charlotte está comendo iogurte grego com mirtilos. Dou um beijo nela, sentindo a pele de seu rosto macia como talco.

“Bom dia, Vanessa. Dormiu bem?”

“Sim”, minto.

Ela está de pé junto ao balcão, descalça e vestindo suas roupas largas de tai chi, espiando-me por cima dos óculos enquanto rabisca uma lista de compras no verso de um envelope, entre uma colherada e outra. Para tia Charlotte, a quebra da inércia é fundamental para a saúde emocional. Ela sempre me convida para caminhar pelo SoHo, para palestras sobre arte na galeria Y, ou para ver um filme no Lincoln Center... mas

aprendi que me manter ativa não me ajuda muito. Os pensamentos obsessivos podem surgir em qualquer lugar.

Mordo um pedaço de torrada integral e ponho uma maçã e uma barrinha de cereais na bolsa para depois. Dá para notar que tia Charlotte está aliviada por eu ter arrumado um emprego. Estou atrapalhando sua rotina; em geral ela passa as manhãs em um quarto que usa como ateliê, pintando telas com tinta a óleo, criando mundos oníricos muito mais bonitos do que este que habitamos. Mas ela nunca reclama. Quando eu era menina e achava que minha mãe precisava de um de seus “dias de luzes apagadas”, ligava para tia Charlotte, irmã mais velha dela. Era só chamar e minha tia aparecia, com uma muda de roupa a tiracolo, estendendo as mãos manchadas de tinta para me acolher em um abraço com cheiro de óleo de linhaça e lavanda. Ela não tinha filhos, e seus horários eram bem flexíveis. Eu tinha muita sorte de poder me colocar no centro de suas atenções quando mais precisava.

“Brie... pera...”, tia Charlotte murmura enquanto acrescenta itens à lista, com sua caligrafia cheia de volteios. Seus cabelos grisalhos estão presos em um coque, e os objetos aleatórios colocados diante dela — uma tigela de vidro azul-cobalto, uma caneca rústica de cerâmica roxa e uma colher de prata — parecem inspiração para um quadro de natureza-morta. O apartamento de três quartos vale uma fortuna. Ela e meu tio Beau, que morreu anos atrás, o compraram antes que os preços dos imóveis no bairro disparassem. Ainda assim, parece uma velha casa de campo. As tábuas do piso envergam e rangem, e cada cômodo é pintado de uma cor — amarelo-canário, safira, verde-menta.

“Tem reunião hoje?”, pergunto, e ela assente com a cabeça.

Sempre encontro um grupo de calouros da NYU, críticos de arte do *New York Times* e um ou outro galerista reunidos na sala de estar. “Pode deixar que compro vinho na volta para casa”, digo. É importante que tia Charlotte não me veja como um fardo. Ela é tudo que me resta.

Enquanto mexo meu café, imagino se Richard está preparando uma bandeja para levar na cama para seu novo amor, sonolenta e aquecida sob o edredom fofinho que compartilhávamos. Vejo os lábios dela se curvarem em um sorriso quando afasta a coberta para ele entrar. Costumávamos fazer amor pela manhã. “Não importa o que aconteça durante

o resto do dia, pelo menos tivemos esse momento”, ele dizia. Sinto meu estômago embrulhar e largo a torrada. Olho para meu relógio Cartier, um presente de Richard no nosso quinto aniversário de casamento, e passo a ponta do dedo pela superfície lisa de ouro.

Ainda consigo sentir seu toque quando ergueu meu braço para colocá-lo no pulso. Às vezes tenho certeza de que as minhas roupas — mesmo depois de lavadas — ainda cheiram ao sabonete L’Occitane que ele usava. Richard parece estar sempre por perto, apesar de fugidio, como uma sombra.

“Acho que seria bom para você se juntar a nós esta noite.”

Demoro um tempo para me localizar. “Vamos ver”, responde, mesmo sabendo que não vai acontecer. Os olhos de tia Charlotte se suavizam; deve ter percebido que estou pensando em Richard. Mas ela não conhece a verdadeira história do nosso casamento. Acha que ele gosta de jovenzinhas e me deixou de lado por uma, seguindo o padrão de tantos outros homens. Pensa que sou a vítima, mais uma mulher descartada ao chegar à meia-idade.

A compaixão desapareceria de seu rosto se soubesse do meu papel na nossa derrocada.

“Preciso correr”, digo. “Manda uma mensagem se quiser alguma coisa do mercado.”

Consegui o emprego de vendedora um mês atrás, e já recebi duas advertências por atraso. Tenho que conseguir pegar no sono mais cedo; os remédios que o médico receitou me deixam letárgica de manhã. Eu estava havia quase uma década sem trabalhar. Se perder o emprego, quem vai querer me contratar?

Ponho a bolsa pesada no ombro, com meus sapatos Jimmy Choo dentro, amarro os cadarços dos tênis Nike velhos de guerra e coloco os fones nos ouvidos. Fico escutando podcasts de psicologia na longa caminhada até a Saks; ouvir a respeito dos padrões compulsivos de outras pessoas faz com que eu consiga me manter afastada por um tempo dos meus.

O sol fraco que vi ao acordar me fez pensar que seria um dia quente. Eu me encolho toda ao sentir o impacto do vento frio de fim de primavera e começo o trajeto a pé do Upper East Side até a Midtown.

Minha primeira cliente é uma executiva chamada Nancy. Seu trabalho em um banco de investimentos consome muito tempo, ela explica, mas a reunião que tinha pela manhã foi cancelada de última hora. É uma mulher baixa, com olhos bem separados e cabelos curtinhos. Sua silhueta de menino torna o caiamento das roupas um desafio. Fico feliz pela distração.

“Preciso me vestir como uma mulher poderosa, caso contrário não sou levada a sério”, ela diz. “Olha só para mim. Ainda pedem minha identidade quando saio à noite!”

Enquanto a ajudo a tirar o terninho cinza, percebo que suas unhas estão roídas. Ela nota meu olhar e esconde as mãos. Fico me perguntando quanto tempo ainda vai durar no emprego. Talvez arrume outro — algo no setor de serviços, talvez, ligado a causas ambientais ou direitos infantis — antes que o mercado financeiro acabe com ela.

Pego uma saia riscada de giz e uma camisa de seda estampada. “Que tal alguma coisa mais viva?”, sugiro.

Enquanto andamos pela loja em busca de roupas, ela fala sobre uma corrida de bicicleta pelos cinco distritos da cidade da qual quer participar no mês que vem, apesar de não estar treinada para isso, e sobre o encontro às cegas que um colega quer marcar com um amigo. Pego mais peças, olhando para ela para ter uma ideia melhor de seu tamanho e tom de pele.

Então vejo um deslumbrante Alexander McQueen florido, em preto e branco, e detengo o passo. Passo a mão de leve no tecido, sentindo meu coração disparar.

“É bonito”, comenta Nancy.

Fecho os olhos e me lembro da noite em que usei um vestido quase igual a esse.

Richard chegou em casa com uma caixa branca grande, decorada com uma fita vermelha. “Use hoje à noite”, ele disse quando experimentei. “Você está linda.” Bebemos champanhe no evento de gala da companhia de dança Alvin Ailey e rimos e conversamos com seus colegas. Ele pôs a mão na parte inferior das minhas costas. “Esqueça o jantar”, murmurou no meu ouvido. “Vamos para casa.”

“Está tudo bem?”, Nancy me pergunta, trazendo-me de volta.

“Tudo ótimo”, respondo, com um nó na garganta. “Mas esse não é o vestido certo para você.”